

30 anos atrás

Março 2017

Se trata da festa de São José e dos dois dias seguintes.

Tive sempre a intenção de voltar do Brasil para a Europa, numa idade na qual ainda seria capaz de trabalhar, porque queria partilhar algo daquilo que consegui aprender na igreja da América Latina com o meu povo da Áustria. Mas quando se aproximou a decisão, ela se apresentou bem mais difícil que tinha pensado. Senti dois corações no meu peito. Encontrei no Seminário Regional de Fortaleza o Pe. José Comblim e pedi-lhe conselho. Ele achou que o melhor seria, determinar uma data precisa e tentar ter clareza até lá. “Por exemplo”, disse ele: “A festa de São José está bem próxima” Concordei. Esforcei-me em tirar todas as dúvidas até o dia 19 de março de 1987.

Chegou o tal dia. E eu ainda estava cheio de dúvidas. Aceitei esta derrota e fui dormir. Na manhã seguinte soube com toda clareza: voltaria definitivamente para a Europa. As dúvidas tinham desaparecidas como umas nuvens leves. Agora brilhava o sol da serenidade. Mas o que acontecia no dia seguinte? Recebi pelo correio uma carta extraordinariamente grande de minha irmã Rosa, de Dornbirn. Os recortes de jornais que tinha dentro da carta me deixaram muito confuso. Os jornais relataram a decisão do Vaticano de nomear o padre Klaus Küng, que antes era superior do Opus Dei na Áustria, como novo bispo da minha diocese natal. Não podia imaginar em trabalhar como padre numa diocese com tal bispo, mas pensei: se não der de trabalhar na minha diocese irei para outro lugar. Em todo caso voltarei para a Europa.

Todos e todas diziam que iriam chorar na minha saída. Mas eu disse: “Eu sei de alguém que ficará alegre com a minha saída.” Ninguém quis acreditar e todos e todas perguntavam: “Quem será então?” Eu respondi: “Quando o padre com sua equipe chega num povoado, quase sempre um capão tem que morrer. Por isso, os capões nas Cebbs, se alegrarão com minha saída, porque terão a vida mais prolongada.”

Naquele tempo sabia que ia passar de um continente cheio de esperança, para ficar depois num continente rico no sentido material, mas bastante pobre de esperança. Por isso quis levar uma grande mala cheia só de esperança. Mas o povo me disse com razão: “Não adianta de nada levar consigo uma mala cheia de esperança, precisa levar o coração cheio de esperança.” Claro que concordei e tentei levar o coração transbordante de esperança.

Mas na Europa logo percebi que em circunstâncias diferentes precisa de um tipo diferente de esperança. Esta adaptação da esperança a outro ambiente material, social, religioso e espiritual exigiu um esforço meu e uma ajuda de Deus especiais.

Hoje, 30 anos mais tarde, a Europa, o Brasil e o mundo todo não são mais os mesmos. Muitos contemporâneos acham, que tudo piorou. Muitos consideram o desenvolvimento de nossos dias catastrófico. Parece que muitos perderam a esperança ou só conservaram uma esperança bem fraquinha. Nesta situação, todos os homens e mulheres deste mundo, são chamados a zelar pela esperança, não só individualmente, mas também social e politicamente. Como cristãos, devemos renovar a consciência das raízes fundas da nossa confiança no nosso Deus, que ama todo mundo incondicionalmente.

Teodoro Rohner, de 1972 até 1987 trabalhando no Nordeste brasileiro com muito gosto e entusiasmo.